

## Não, as Benzedeadas não estão desaparecendo!

Adriane Andrade<sup>1</sup>  
Mailane Junkes Raizer da Cruz<sup>2</sup>

### Resumo

Os Povos e Comunidades Tradicionais (PCT's) são grupos formados por uma grande diversidade de origens sociais, étnicas, culturais o que implica uma grande pluralidade de sujeitos coletivos protagonistas. Atualmente os PCT's vêm protagonizando conflitos territoriais relacionados à expansão agrícola, tendo como pauta de luta o direito de viver à sua própria maneira, no território que tradicionalmente ocupam. O objetivo desse artigo é analisar as dinâmicas territoriais das mulheres Benzedeadas pertencentes ao Movimento de Aprendizagem de Sabedoria do Estado do Paraná (MASA), grupo formado por detentores de ofício tradicional de cura, implicados num cenário de conflitos por reconhecimento e território, fazendo uma leitura crítica e dando visibilidade a essas mulheres através das suas formas de r-existências.

**Palavras-chave:** Mulheres, Benzedeadas, R-existências, Reconhecimento.

### 1. Territórios de r-existência

Começamos este artigo respondendo a um questionamento bastante comum: as Benzedeadas estão desaparecendo? Não! Pelo contrário, as Benzedeadas estão r-existindo de diferentes formas e apesar de historicamente terem sofrido perseguições e preconceitos as Benzedeadas se fazem existir como sujeitos através da busca pelo reconhecimento de seu ofício e das suas práticas sociais. O objetivo desse artigo é evidenciar as r-existências das mulheres Benzedeadas diante de um Sistema Mundo Capitalista/Patriarcal/Colonial para tanto trazemos elementos que possibilitam o início de algumas reflexões que são importantes para a análise.

Diversas formas de se relacionar com as doenças e práticas de cura atravessam a história e no Brasil práticas de cura constituíram-se “[...] em meio a um complexo processo que tem lugar a partir de uma mistura de saberes e práticas indígenas, africanas, europeias, além do recurso a ervas, benzeduras, invocações [...]” (BOING, STANCIK, 2013). Para se

---

<sup>1</sup> Mestranda em Geografia pela Universidade Federal do Paraná, [adrianeandrade@yahoo.com.br](mailto:adrianeandrade@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Coletivo de Estudos sobre Conflitos pela Terra e Território (ENCONTTRA), [mailanejrc@gmail.com](mailto:mailanejrc@gmail.com)

entender o ofício das Benzedeadas é importante fazermos leitura a cerca de como na Idade média era feito o controle social sobre a população através da igreja e de como nos dias de hoje esse mesmo controle é feito através do exercício político da medicina.

Partimos do entendimento que o ofício de Benzedeadas não é apenas um modo de cura relacionado à medicina popular e à religião, mas um instrumento de intervenção no processo histórico-social ainda que não seja esse de forma totalmente consciente e crítica. É um espaço de r-existência, pois seu ofício é realizado nas brechas do saber científico eurocêntrico da medicina, portanto um ofício artesanal, relativamente autônomo dentro de um modo de produção capitalista. Conforme Cruz (2013, p.153) “[...] a formação do sujeito da resistência se dá no percurso da luta para afirmar um determinado modo de ser, de existir [...]” sendo que o termo r-existência contempla tanto o processo da “formação da identidade” como o da “mobilização política”.

O simples fato de penetrar no campo da saúde considerado de domínio científico, subtraindo então um espaço para a medicina popular no qual vincula-se com os seus por meio de troca juntamente com outros profissionais populares de cura, por exemplo parteiras e erveiros, já é um ato de resistência política e cultural (OLIVEIRA, 1985)

As benzedeadas são as portadoras de um modo popular de cura elaborado historicamente, e que vem sendo repassado, adaptado e reformulado de geração em geração. São cientistas populares e falam em nome de uma religião, portanto não podem ser entendidas desvinculadas dela, encontram-se espalhadas pelas cidades e campos. Profissionalmente são autônomas e independentes (OLIVEIRA,1985, p.26).

A relação das Benzedeadas com a população até meados do século XVIII era algo muito comum, devido à falta de médicos no vasto território brasileiro e também pelo alto poder de confiabilidade que a população depositava nas Benzedeadas. Já em meados do século XIX começam a serem vistas como um problema a ser resolvido, nesse período sofreram repressões com diversas ações estatais de reeducação e repressão às práticas populares de medicina (OLIVEIRA, 1985).

A expansão do processo de urbanização e industrialização acentuou a dicotomia campo/cidade, e as Benzedeadas, fortemente enraizadas nessa cultura rural, sofreram também o processo de expropriação do campo. Nas cidades, ressignificam o espaço urbano e a sua

autonomia assumindo assim o sentido de resistência política cultural, o qual vai além de uma maneira própria de ler o mundo. Trata-se de uma cultura popular que contesta e rejeita o discurso opressivo do dominante, através de uma identidade construída em relações de afetividade e solidariedade entre grupos sociais (GRACIOTTO, 2012).

A proposta desse artigo é entender as formas de resistência das mulheres que fazem parte do Movimento Social Aprendizizes de Sabedoria (MASA), formado por Benzedoras e Benzedores, Curandeiras e Curadores, Costureiras e Costureiros de rendidura e/ou machucadura, Rezadeiras e Rezadores, Remedieiras e Remedieiros, Massagistas tradicionais, Parteiras e Aprendizizes de benzedura representados como Detentores do Ofício Tradicional de Cura e de Saúde Popular, da região centro sul do estado do Paraná e que fazem parte da Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais do Paraná (LEWITZKI, 2011).

A análise está pautada na luta das mulheres Benzedoras pertencentes ao Movimento Aprendizizes de Sabedoria (MASA), suas histórias de vida, suas microresistências<sup>2</sup> (SCOTT, 2002) e o caminhar que culminou na criação da organização social que ganhou espaços políticos de interesse do movimento, propondo alternativas para o fortalecimento das práticas tradicionais de cura e que resultaram no fortalecimento e conhecimento dos seus direitos.

## **2. Movimento Aprendizizes de Sabedoria**

Em 2008, nasce no Paraná o movimento social denominado “Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais” para buscar estratégias de resistência e de enfrentamento dos Povos e Comunidades Tradicionais Paranaenses. As comunidades tradicionais são representadas, no Estado, pelos povos indígenas, quilombolas, pescadores artesanais, benzedoras, cipozeiras, ilhéus, povos dos faxinais, gitanos e as comunidades de terreiro. Segundo dados da Rede Puxirão, estima-se que a população que integra o movimento seja de aproximadamente 198.000 pessoas, o que representa 1,9% da população do Estado. Apesar de parecer numericamente irrelevante, não se imagina as proporções e dimensões alcançadas por sua organização e resistência, alcançada pela apropriação da cartografia social como ferramenta de autoconhecimento (MONTENEGRO GOMEZ, 2013).

A fim de sair de um cenário de invisibilidade social os povos e comunidades tradicionais do Paraná vêm se apropriando da cartografia social como ferramenta de autoconhecimento que auxilia tanto no processo de organização e reconhecimento de

conflitos e práticas culturais comuns como no estabelecimento de reivindicações compartilhadas (MONTENEGRO GOMEZ, 2016).

O MASA está inserido na Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais e foi criado em 2008 durante o I Encontro Regional de Benzedeiras realizado no Município de Irati no estado do Paraná. O encontro teve como principal objetivo a luta contra o descaso dos órgãos governamentais e demais instituições da sociedade que historicamente excluíram as práticas tradicionais de cura, colocando em risco o repasse desses saberes tradicionais às gerações futuras ocasionando a perda da cultura tradicional (Patrimônio Histórico e Imaterial) e o uso sustentável dos recursos naturais. Nesse encontro foi apontada a necessidade de identificação das Benzedeiras atuantes na região centro sul do estado o que resultou em um trabalho de mapeamento social utilizando a metodologia proposta pelo projeto de cartografia social da Amazônia (ALMEIDA, 2010). O mapeamento foi realizado nos Municípios de Rebouças e São João do Triunfo, Paraná, através do qual foram identificados 264 Detentores de Ofício Tradicional e seus respectivos ofícios de cura.

Dona Agda de Andrade Cavalheiro da localidade denominada Rio Bonito, Município de Rebouças, Paraná, é uma detentora de ofício tradicional, é Benzedeira e costureira, e hoje é representante e coordenadora geral do Movimento das Benzedeiras, como o MASA é conhecido. Ela conta que antes da criação do movimento as Benzedeiras tinham muito medo e eram perseguidas pelos médicos da região:

“Comecei benzendo só os de casa e aos poucos o pessoal foi pedindo benzimento. Antigamente a gente tinha medo de benzer, porque era preso. Se desse remédio para uma criança e ela passasse mal e fosse no médico, o médico mandava vir buscar as benzedeiras, os *remedieiros*, para ir preso! Muita gente foi presa. Só depois que entrou o Movimento das Benzedeiras e tivemos apoio do Ministério Público que conquistamos nossa liberdade. A Lei de reconhecimento do nosso Ofício de Benzedeira em Rebouças e São João do Triunfo foi pioneira no Brasil e a carteirinha das Benzedeiras nos deu essa liberdade. Agora a gente pode trabalhar tranquilamente, sem medo.” (Agda, Benzedeira, julho/2017).

Ao falar da sua trajetória de vida, dona Agda conta como aprendeu a ser Benzedeira e a usar plantas medicinais. Seu relato traz à tona a importância desse conhecimento tradicional passado de geração à geração através da oralidade sendo que muitas vezes se configura como única opção para atendimento à saúde de populações que vivem em comunidades rurais,

longe da cidade, onde lhes é negado o acesso a serviços considerados básicos, como a assistência à saúde:

“Fui criada pelo meu pai desde criança pois minha mãe faleceu quando eu tinha apenas 2 anos. Eu morava no Faxinal em Rio Bonito que pertence aqui, ao município de Rebouças. No caminho das ervas eu estou desde pequena. O começo foi com meu pai. Eu fazia as receitas que ele escrevia de homeopatia. Meu avô, pai do meu pai, era *remedieiro*. Remédio eu sei fazer desde criança, mas as rezas eu aprendi com benzedadeiras antigas do faxinal. Antigamente a gente não ia no médico, porque médico não existia aqui no interior, médico era só na cidade, em Curitiba, e custava muito caro. Aqui só tinha farmacêutico e os *bocoieiro* de remédio do mato, como meu pai que ajudavam as pessoas com plantas que buscava no mato: cascas, ervas, cipós, ensinava a fazer banho, esfregação, chá para aliviar a dor... era assim que o pessoal se curava antigamente, tudo com remédio do mato.” (Agda, Benzedeira, julho/2017).

Foi a partir da criação do MASA e da organização do mapeamento social que as Benzedadeiras alcançaram uma de suas conquistas mais importante: a aprovação de legislação específica que garante o reconhecimento do Ofício de Benzedadeiras. Em Rebouças, foi aprovada em 2010 a primeira lei das Benzedadeiras (Lei municipal nº 1.401) e em 2011 foi aprovada uma segunda lei no município de São João do Triunfo (Lei Municipal nº1370/11). Ambas as leis reconhecem as Benzedadeiras dos municípios, garantem aos benzedores o livre acesso às ervas e plantas medicinais e prevê o acolhimento das práticas tradicionais de cura no sistema formal de saúde. No caso de Rebouças, foi constituído a Comissão de Saúde Popular, via Decreto Municipal nº027 aprovado em maio de 2010, com o objetivo de elaborar propostas e alternativas para esse acolhimento no sistema formal de saúde etc (LEWITZKI, 2011).

Conforme Cruz (2013) “A busca pela autonomia passa pela autonomia intelectual, valorização dos chamados ‘saberes locais’, ‘saberes tradicionais’ [...]”, uma vez que a pauta desses movimentos tradicionais não se limita a esfera política, conforme o autor “ [...] em muitos aspectos, trata-se de uma luta simbólica [...]” que busca legitimar diferentes formas de sentir, agir e pensar.

Para as Benzedadeiras, a criação do movimento possibilitou, para além da legalidade no exercício do ofício tradicional, o autoreconhecimento e autoafirmação do ser Benzedeira e a

valorização desse conhecimento tradicional que acompanha historicamente os municípios da região. Com a apropriação da cartografia social como ferramenta para autoconhecimento o MASA obteve outras conquistas como a interação do grupo, até então inexistente, além da mobilização política criada com a realização de encontros municipais que proporcionaram a troca de experiências e a proposição de políticas públicas de reconhecimento formal das Benzedeiras na esfera do poder público municipal.

No mapeamento o MASA denunciou os principais conflitos e ameaças sofridos historicamente pelos detentores de ofícios tradicionais de cura, expressos em falas, depoimentos, cartas e outros documentos que trazem a tona o descaso e a ausência do estado e a inexistência de políticas públicas de valorização dos conhecimentos e saberes tradicionais marginalizados pela invisibilidade social. Essa luta do MASA, é uma luta contra diferentes formas de subalternização material e simbólica, contra preconceitos e estigmas e pela afirmação de suas identidades a partir dos seus próprios modos de vida

[...] as lutas emancipatórias enfrentadas por esses sujeitos envolvem elementos que fazem parte de outra gramática política e moral fundamentada na ideia de reconhecimento da diferença através do direito ao território. Quando tais grupos reivindicam o direito à diferença, estão reivindicando o direito à autonomia material e simbólica [...] (CRUZ, 2013).

Uma das formas de reivindicar o território pode ser ilustrada pela demanda e posterior conquista do MASA que, a partir da aprovação das leis municipais de reconhecimento aos ofícios tradicionais de cura nos Municípios de Rebouças e São João do Triunfo, garantiu o acesso de Benzedeiras, Benzedeiros e demais curadores tradicionais a áreas particulares com vegetação natural para coleta de plantas medicinais. Segundo relato de uma das benzedeadas hoje elas podem retirar as plantas medicinais para o usar no seu ofício independente da área ser ou não de uso privado ou estatal, pois a Carteira de Benzedeadas lhes garante o livre acesso às áreas.

Em 2016 iniciou-se o processo de mapeamento no município de Irati onde foram mapeadas 189 Benzedeiras. Em Irati tivemos a oportunidade de acompanhar o mapeamento do MASA como pesquisadoras. As saídas para campo foram organizadas sempre com o acompanhamento de uma ou duas Benzedeiras do movimento e foram elas as protagonistas da pesquisa. Nessas saídas a campo tivemos contato com o meio rural onde o poder público

ainda é apenas um visitante, as estradas de acesso aos locais estavam em condições precárias, tivemos a oportunidade de entender como no rural o ofício da Benzedeira se faz muito presente e de diferentes formas.

O relato das mulheres entrevistadas era um misto de medo, amor, respeito e resistência. Evidenciamos no campo a existência de um rural masculinizado, onde algumas Benzedeiras foram banidas ou impedidas de exercerem seu ofício pelo próprio companheiro que, segundo relato de uma das Benzedeira entrevistadas, o marido não permitia que ela atendesse a comunidade alegando que acabaria atrapalhando os afazeres domésticos com a casa. Mesmo sofrendo a opressão a Benzedeira continuou e exercer de forma velada o ofício, atendendo os familiares e ajudando quem a procurasse sem que o marido soubesse.

Além de resistirem ao machismo e a esse rural masculinizado sofreram e ainda sofrem perseguição da Igreja. O discurso da perseguição e intolerância religiosa ainda é bastante presente tanto para as Benzedeiras que estão no meio rural como para as que estão na cidade, no meio urbano. Vale ressaltar que apesar de 98% das Benzedeiras se considerarem pertencentes a religião católica são historicamente perseguidas por padres e atualmente por bispos e pastores representantes de igrejas evangélicas da região.

“Não são todos, são alguns. Eles denunciam, o povo denuncia, eu sei porque eu fui denunciada, o Padre ia batendo (falando), batendo, sobre os curador, ‘porque aquilo... porque isso... é pra ganhar dinheiro... porque aquilo... porque isso...’ daí pegamos a carteirinha! Agora não temos problema nenhum! (Dona Tila, Benzedeira - São João do Triunfo)”.

Apesar da desvalorização, perseguição, descaso, preconceito, esses entraves não significam que elas estejam desaparecendo, ou acabando, muito pelo contrário o que vemos é uma resistência, uma ressignificação do ser “Benzedeira”, elas estão se recriando.

Mesmo com tantas ameaças as benzedeadas resistem, a prova disso é a diversidade encontradas nas práticas tradicionais de cura, altares, costumes, formas de extração sustentável de plantas medicinais nos quintais como forma de preservação das espécies medicinais, e principalmente a forma em que as benzedeadas preservam os recursos naturais e constroem suas relações de solidariedade com a população cuidando da vida dos mesmos, esses são elementos de uma riqueza singular de vida pelas Benzedeiras (LEWITZKI, 2011, p.11).

É importante destacar que a identidade das Benzedeiras sobrepõe outras identidades, sendo muitas delas Faxinalenses, Quilombolas, Assentadas da reforma agrária, etc. Nota-se que é prática comum utilizar conhecimentos do catolicismo popular e de plantas medicinais para tratar de diferentes enfermidades, colocando tais práticas de cura como alternativas à medicina convencional independente do local ser urbano ou rural.

As Benzedeiras buscam manter vivo estes saberes que foram acumulados ao longo de muitas gerações num cenário onde cada vez mais se dissemina o uso de agrotóxico, destruição de florestas nativas e o uso abusivo de medicamentos alopáticos. Assim, as Benzedeiras que usam plantas medicinais para cuidar da saúde nas práticas de cura, tornam-se importante elo de resistência contra a destruição ambiental e oferecem alternativas concretas para a valorização do cuidado de forma não mercantilizada e monopólica.

### **Considerações Finais**

Ao olharmos para a trajetória de vida de algumas Benzedeiras e para a criação do MASA podemos observar inúmeras conquistas. O movimento contribuiu para o autoreconhecimento das detentoras e detentores de Ofício de Tradicional de Cura enquanto sujeitos que carregam em si conhecimentos e vivenciam processos de resistências. Além disso, através da cartografia social o Movimento das Benzedeiras conseguiu dar visibilidade e dialogar com o poder público o que resultou em duas Leis Municipais que reconhecem o Ofício de Benzedeiras perante a sociedade.

Para além da visibilidade conquistada pelo grupo junto ao poder público, acreditamos que a luta das Benzedeiras está travada também com a sociedade como um todo, pois de forma organizada o grupo luta para reivindicar direitos e propagar uma cultura milenar que ajudou e ajuda milhares de pessoas.

Vale ressaltar que ainda existe uma barreira muito grande a ser derrubada, a barreira do preconceito, da crítica e da desvalorização das Benzedeiras. Podemos afirmar que as Benzedeiras e demais detentores de ofícios tradicionais de cura existem, resistem, r-existem e continuam atendendo o seu chamado conforme propaga o grito de guerra do MASA: Cuidar da Vida é Nossa Missão!



## Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Agroestratégias e desterritorialização: direitos territoriais e étnicos na mira dos estrategistas dos agronegócios. In: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de et al. Capitalismo globalizado e recursos territoriais. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010, p. 101-143.
- BOING, L.; STANCIK, M. A. Benzedeiras e Benzimentos: práticas e representações no município de Ivaiporã/PR (1990-2011). In: Ateliê de História UEPG. 1(1): 85-96, 2013.
- CRUZ, V. C. Das Lutas por Redistribuição de Terra às Lutas pelo Reconhecimento de Territórios: uma nova gramática das lutas sociais?. In: Henri Acselrad. (Org.). Cartografia social, terra e território. 1ed. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2013, v. 1, p. 119-176.
- GRACIOTTO, V. A. As Benzedeiras Tradicionais de Curitiba: identificação e análise. In: RELEGENS, T. Estudos e pesquisas em religião, v. 01., n. 01—2012.
- LEWITZKI, Taisa (org.). Da invisibilidade social, para o reconhecimento formal: o Direito de afirmação da Identidade de Benzedeiras e Benzedores, municípios de Rebouças e São João do Triunfo, Paraná. Boletim Informativo Nova Cartografia Social, nº 5, agosto 2011.
- MONTENEGRO GOMEZ, J. La Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais del Estado del Paraná (sur de Brasil): conflictos y desafíos de lo “nuevo” mediante la ocupación tradicional del territorio. Curitiba, 2013.
- OLIVEIRA, R. E. O QUE É BENZEÇÃO. São Paulo: Brasiliense, 1985. Coleção Primeiros Passos.
- SCOTT, J. Formas Cotidianas da Resistência Camponesa. In: Raízes, Campina Grande Vol.21, nº01, Jan-jun, 2002.